

COMUNICAÇÃO E CIBERCULTURA NA TELESSAÚDE

Communication and Cyberculture in TeleHealth

Angélica Baptista Silva¹

Em meados da primeira década do século XXI, surge na incipiente Rede Universitária de Telemedicina no Brasil a oportunidade de repensar a telessaúde. Conceito recheado de técnicas e tecnologias, apimentado por um forte interesse industrial e financeiro, se diluía na literatura científica indexada em vários sinônimos tais como videoconferência, serviço de saúde com uso de tecnologia da informação e comunicação – TIC, aplicação de robótica, reorganização hospitalar através do processo de informatização e redes, entre outros significados conforme o enfoque do pesquisador. Porém, como definir esse vocábulo telessaúde de modo a acrescentar à tarefa dos complexos sistemas de saúde nacionais, que visam salvar vidas e cuidar das populações de seus territórios em plena transição epidemiológica?

Com o aporte dos campos dos saberes da comunicação, da informação e da saúde coletiva, é possível vislumbrar uma visão de telessaúde muito próxima à inovação em saúde, à pesquisa translacional. Esta forma de pesquisar visa estreitar os laços da produção do conhecimento com seu uso efetivo na prática cotidiana nos serviços de saúde por meio de intervenções inovadoras para a população¹.

Ao observar as fases da consolidação da pesquisa como inovação no sistema de saúde, é possível identificar a telessaúde como as atividades em rede, mediadas por computação, que promovem a tradução do conhecimento da pesquisa nos serviços² telessaúde se materializa como um rico ecossistema de informação e conhecimento com vários elementos que revelam a cibercultura em saúde.

Nesse sentido, esse número temático sobre Comunicação e Cibercultura em Saúde do Jornal Brasileiro de Telessaúde aborda em seu artigo original as relações entre os conceitos de e-saúde e complexidade³ ecossistema de telessaúde em nível operacional e combater a exclusão digital.

No segundo artigo original, é descrita uma experiência pioneira de tele-educação com a África portuguesa que privilegia as palavras dos profissionais de saúde cabo-verdianos, sua compreensão sobre atividades de educação permanente para a região e para seu país, usando os aparatos eletrônicos disponíveis no ecossistema de telessaúde.

O terceiro artigo apresenta uma metodologia centrada nas necessidades do usuário e nas facilidades da representação gráfica com o objetivo estabelecer requisitos de desenvolvimento para uma nova versão do Sistema de Produção da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano – a ferramenta de gerenciamento online reúne informações cadastrais e de produção dos

Bancos de Leite Humano e Postos de Coleta de Leite Humano desde 2006.

Já no artigo de revisão é possível conhecer parte da dimensão cibercultural da implantação de telessaúde em hospital de alta complexidade num grande centro urbano. Os autores demonstram como a telessaúde pode contribuir para a mudança dos modos de organização do trabalho, viabilizando a amplitude do diálogo entre os princípios do SUS e a formação em saúde.

Na seção resumos de teses e dissertações, em breve texto é apresentada iniciativa recente (2013) de estudo brasileiro sobre avaliação de qualidade dos sites, que abordam temas sobre saúde na Internet. Há ampla revisão de literatura e comparações com abordagens internacionais sobre o tema, cujo conteúdo estará disponibilizado na íntegra no Repositório Institucional da Fiocruz, o ARCA (<http://www.arca.fiocruz.br>).

A experiência internacional versa sobre a estratégia de introduzir o conceito de saúde global, de transdisciplinaridade e de telessaúde num país latino-americano com interessantes achados iniciais.

O Campus Virtual de Saúde Pública é a segunda experiência analisada nessa edição. A iniciativa brasileira é apresentada como uma das alternativas a fim de democratizar o conhecimento científico na saúde através de uma cultura organizacional favorável ao acesso aberto⁴, conforme tendência em outros países.

A complexidade como abordagem das TIC em saúde; a cibercultura em ambiente hospitalar; a informação confiável sobre saúde na internet para leigos; o mapeamento da estratégia nacional de disseminação da telessaúde através de encontros; a tele-educação para a saúde coletiva são temas destacados por esse olhar, cujo foco é a maneira de dar suporte à implantação de inovações no sistema de saúde a fim de aprimorar o cuidado, seja nos cursos, no diagnóstico, na síntese sistematizada do conhecimento ou na segunda opinião.

Esperamos que as exposições sirvam de inspiração para estreitar laços de conhecimento no sentido de salvar e melhorar a vida de todos os cidadãos, pois o que importa é a tecnologia que minimize o sofrimento ou diminua a iniquidade abissal em que vivemos.

Referências

1. KSchmittiel JA, Grumbach K, Selby JV. System-based participatory research in health care: an approach for sustainable translational research and quality improvement. *Ann Fam Med*. 2010;8(3):256-9.
2. Silva AB, Morel CM, Moraes IHS de. Proposta conceitual de telessaúde no modelo da pesquisa translacional. *Revista de Saúde Pública*. 2014 Apr;48(2):347-56.
3. Morin E. Introdução ao pensamento complexo. Sulina. Edição: 4a edição - 2011.
4. Baptista AA, Costa SM de S, Kuramoto H, Rodrigues E. Comunicação científica: o papel da Open Archives Initiative no contexto do Acesso Livre. 2007 [citado 20 de agosto de 2014]; Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/635>

1. E-mail: angelica.silva@iff.fiocruz.br. Pesquisadora, Doutora e Mestre em Saúde Pública. Foi coordenadora do Setor de Tecnologia da Informação do Canal Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (1998-2011).